

## A multiplicação dos índios

### Edição 132 - Jul/02

□ Pablo Nogueira

Há 22 anos a antropóloga Marta Azevedo, 47, se dedica ao estudo dos índios. Em todo este tempo, o trabalho de pesquisa sempre caminhou junto com a militância pela defesa dos direitos das tribos e a luta pela sua sobrevivência. Neste trabalho viajou por quase todos os estados, construindo uma visão abrangente das dificuldades enfrentadas por boa parte das 216 etnias que vivem no país hoje. Atualmente Marta trabalha numa das mais importantes ONGs do país, o ISA (Instituto Socioambiental), onde é especialista em demografia e coordenadora de programas de formação de professores indígenas. Ela vê com interesse a explosão no número de índios registrada pelo censo de 2000: 'o que cresceu foi o orgulho que o Brasil tem de sua herança', analisa. Nesta entrevista a Galileu ela um panorama dos novos desafios enfrentados hoje na área indígena no Brasil, que vão desde como lidar com tribos extintas que de repente reaparecem até a necessidade de conscientizar as tribos para o problema da devastação ecológica, passando pela ameaça do tráfico de drogas e o gosto por ver Ratinho na TV: 'eles tem o direito de escolher sozinhos o que querem adotar na nossa cultura.'



Marta Azevedo

**Galileu:** *Os dados do censo de 2000 mostram um crescimento de 100% no número de índios em apenas 10 anos. Como aconteceu isso?*

**Marta Azevedo:** É preciso ver este dado com cuidado. Na verdade, o que aumentou foi o número de pessoas que, quando perguntadas sobre qual a sua cor de pele, se classificam como índios. No estado de São Paulo você tem 2.000 indígenas vivendo nas reservas e mais 2.000 pankararu que moram na capital. Ou seja, um total de cerca de 4.000 pessoas. Aí o IBGE conta 62.000 índios no estado! Quem são esses outros 58.000? São gente que sabe que tem um antepassado indígena, mas não sabe se é descendentes de Xavante ou de guarani. É o que chamamos de índios genéricos. O Rio de Janeiro tem apenas duas reservas guaranis onde devem viver 400 pessoas no máximo. E lá foram contados 33.389 índios, muitos vivendo em cidades do interior. São pessoas que antes diriam ao recenseador que eram pardos, e agora preferem dizer que são índios.

**Galileu:** *E por que mais pessoas estão se reconhecendo como descendentes de índios?*

**Marta:** Vários fatores. A década de 90 foi muito boa para os índios. Houve a Constituição e a Rio-92, que fizeram com que eles aparecessem na mídia de maneira positiva. Cresceu a questão ambiental, onde eles surgiram como defensores do meio ambiente. Houve também uma pesquisa sobre o DNA dos brasileiros feita pela UFMG em 1997 mostrou 45 milhões de brasileiros têm ascendência indígena. Coisas assim reforçaram a identidade étnica e fizeram surgir um orgulho de ser descendente de índio. Antes eles eram vistos como alguém que iria desaparecer, e não iria demorar muito. Quando eu dizia que trabalhava com índios, me diziam que logo eu ia ficar sem emprego, e mesmo gente da Usp falava assim.

**Galileu:** *Mas as estimativas do próprio ISA sugerem que os índios que vivem em tribos estão crescendo 3,5% ao ano, o que é o dobro da média brasileira.*

**Marta:** Esse número é uma projeção feita a partir de alguma tribos. Há povos crescendo mais e menos do que isso, é difícil generalizar. Mas a maior parte sabe que está crescendo e quer crescer. Eles justificam dizendo que morreram muitos no passado. Precisam reocupar o território, evitar a invasão das terras, encher as aldeias. Além disso, com o aumento da demarcação de terra, eles tem mais recursos para sustentar filhos. É como o baby boom pós-segunda guerra: quando há uma redução drástica, segue-se um crescimento grande nos anos seguintes para repor a população. Eu sempre digo que os índios sobreviveram a uma guerra.

**Galileu:** *E o que os salvou da extinção? Darcy Ribeiro estimou que entre os anos 20 e 70 a população indígena no país caiu de 1 milhão para 200 mil...*

**Marta:** Nessa época os primeiros contatos eram catastróficos. Só o primeiro encontro podia causar a morte de 50% da tribo. Até que a Funai percebeu isso e a partir de 87 resolveu mudar a política. Agora as equipes passam primeiro por uma quarentena de três meses até ver que ninguém tem nenhuma doença, e só aí é feito o contato. Também surgiram as organizações indígenas e aumentou a militância

entre os antropólogos para protegê-los de massacres e demarcar terras. A Constituição de 88 reconheceu que os índios tem direitos originários sobre as terras, além de manter suas culturas. Isso mudou as políticas oficiais. Além disso, em 1991 o G7 cria um programa para preservar a floresta tropical e destina parte do seu dinheiro ao financiamento da demarcação das terras indígenas. É esse dinheiro que hoje financia o programa de demarcação da Funai, o PPTAL. A isso. Com tudo isso, nunca se demarcou tanta terra como agora, mas ainda está longe do ideal.

**Galileu:** *Só na década de 90 surgiam 10 novas tribos. Mas a maior parte não é de povos recém-contatados, e sim de grupos que 'ressurgiram'. Como isso é possível?*

**Marta:** Isso tem a ver com esse numero de 700.000 contado pelo censo. Hoje em dia é muito bom se identificar como pankararu na favela porque isso proporciona prioridade na hora de receber um apartamento no projeto Cingapura. Várias universidades estão criando cotas para índios na graduação. No Amazonas já tem, na PUC de São Paulo também. A capes está pensando em estabelecer cotas para bolsas de mestrado.

**Galileu:** *Mas tribos como os Xetas do Paraná e os Naua do Amazonas estão usando isso para reivindicar terra. Isso não soa oportunista?*

**Marta:** É óbvio, só que é um oportunismo que qualquer um faria. Mas até agora não vi ninguém usando de má fé ou mentindo, dizendo que são índios sem serem, por exemplo, só para ter acesso a terra. O que há são pessoas pobres, que trabalham em subempregos ou como camponeses e vivem numa situação muito, muito difícil. De repente surge a possibilidade de serem reconhecidos como povo indígena e ganhar um pedaço de terra. Claro que esse é um assunto polêmico e deve ser examinado caso a caso. No caso dos Xetá, por exemplo, há filmes antigos, feitos no início do contato. Era um povo guerreiro, que não deu o braço a torcer. Muito poucos sobreviveram. E a maior parte dessas novas tribos surge no sul, sudeste e nordeste, onde a colonização é mais antiga e a política era demarcar só o terreno da aldeia, só as casinhas. Não incluía o território onde eles caçavam. Por isso para sobreviver muitos povos tinham que deixar suas terras e perderam suas identidades.

**Galileu:** *Nos meios ambientalistas há quem acuse algumas etnias de estarem sendo manipuladas por outros interesses, como empresário madeireiros e exploradores de palmito, por exemplo. A administração do Parque nacional do superagüi, no Paraná, chegou denunciou a ação de índios Guarani que estavam cortando palmito ilegalmente e caçando mico-leões dourados para vender a turistas.*

**Marta:** Tem vários casos assim. Mas isso é episódico, não é a regra. Em Rondônia, por exemplo, os índios cinto larga estão envolvidos em problemas [de garimpo e contrabando]. Eles são uma a população muito vulnerável a manipulação. Você chega lá, dá um carro e pede para entrar no território. Eles aceitam e usam o carro um ano. Isso tem mesmo. O que a Funai tem que fazer é interferir nessa relação, para que ela seja boa para todos os lados, seja boa para o Brasil também. Mas no caso desses guarani, por exemplo, o que acontece é que não há mais caça nem pesca. Para sobreviver, eles tem que vender o que tem a mão. Fazem isso para assegurar a sobrevivência. Temos que explicar a eles que devem fazer isso de outra forma, e dar condições para isso, é claro. Não adianta proibir o corte de palmito se eles não tem outro jeito para ganhar a vida. Além disso, é preciso fazer também um trabalho de educação ambiental, partindo dos valores que eles já tem. Eles não tem noção que o mico-leão dourado está acabando, não tem a menor noção do problema ambiental embora manejem a natureza muito melhor do que a gente. Por isso defendo a introdução das aulas de educação ambiental no currículo das terras indígenas. É fundamental. Eles tem a aprender conosco tanto quanto nós temos a aprender com eles.

**Galileu:** *Há acusações de que alguma tribos estariam sendo aliciadas pelo tráfico de drogas, no Mato Grosso e na Amazônia.*

**Marta:** Você tem lugares onde a população fica muito vulnerável a pressão de outros interesses. Em geral é nos lugares de fronteira pouco patrulhados. Rondônia, por exemplo, que eu já citei, e onde a própria sociedade não índia é extremamente corrupta. Mas em geral isso acontece onde não tem uma grande presença militar. No vale do Javari hoje há bastante patrulhamento por que houve muitas denúncias de que os índios estariam sendo usados pelo tráfico. Mas isso é uma questão que passa pelo ministério da Justiça.

**Galileu:** *E como você vê a crescente penetração da TV entre os índios, mesmo nas reservas?*

**Marta:** Qualquer pessoa no Brasil quer ter acesso à televisão. O que se pode fazer é dar acesso as essas coisas de maneira que isso entre para não destruir o modo de vida deles, mas para ampliá-lo. A TV, o computador, a internet, os bens industriais, tudo isso vai entrar, não tem jeito. Nem a gente não tem o menor direito de colocá-los numa redoma de vidro. Ao contrário, eles é que tem o direito de escolher o que acham legal da nossa cultura, e isso varia bastante. Os Guarani e os Terena do Mato grosso do sul, por exemplo, tem o mesmo tempo de contato com a nossa cultura. Os terena adoram fogão a gas e os guarani não. Os guarani adoram bicicleta e os Terena não. Por que os Guarani preferem manter fogão tradicional, com fogo no chão e usam seu dinheiro para comprar bicicleta, enquanto os Terena preferem usar seu dinheirinho para comprar fogão? Não sei, mas eles sabem. Quem tem que escolher é eles.

**Galileu:** *Mas e o esforço de preservação das culturas? Até no parque do Xingu há relatos de que os jovens preferem passar parte da noite em casa assistindo televisão a conversar com os mais velhos*

sobre as tradições...

**Marta:** Você é que está dizendo que eles não estão agindo como deveria agir um índio no parque do Xingu nos dias de hoje. Só que eles pensam diferente. A projeção do que a gente acha que o índio deve ser é uma besteira. Não podemos projetar neles os nossos desejos. É claro que nós que trabalha com educação indígena passa ideias, passa valores. Em Iauaretê (AM), onde eu trabalho, toda casa tem televisão. Eu assistia o programa do Ratinho com eles. E conversava com as famílias para entender porque gostam daquele programa e de não de novelas, por exemplo, que eles acham um porre. Daí começamos a pensar em programas educativos que usem o que eles acham legal na linguagem do programa do Ratinho. O que temos que fazer é contribuir para que eles possam escolher de maneira consciente o que beneficie ao povo deles. Mas impedir que chegue a TV ou até a bebida alcoólica, não podemos. Não temos esse direito.

**Galileu:** *Há várias estimativas para o número de tribos vivendo isoladas na Amazônia. As mais modestas falam em pelo menos 16. Qual o sentido da estratégia de apenas identificar essas tribos, sem intensificar o contato? Isso significa que eles estão melhor sem nos conhecer? Não seria a volta do mito do bom selvagem, que prega que o índio antes de conhecer a civilização vivia num certo estado de 'pureza'?*

**Marta:** Ninguém diz que isso significa mante-los isolados eternamente. Um certo anteparo para que não morram todos no primeiro contato. Até hoje na região do Rio Negro qualquer epidemia de diarreia mata 16, 20 crianças num povoado onde vivem mil pessoas. Isso em tribos que estão na 3 ou 4 geração pós-contato, que convivem conosco há 100 anos... Entre eles, a conjuntivite pode causar até cegueira.

**Galileu:** *Mas a precaução é sanitária ou cultural?*

**Marta:** Os dois. Identificar e isolar o terreno onde vivem essas tribos impede que eles sejam contatados por qualquer frente cultural que não seja da Funai ou de especialistas. Isso é o que aconteceu na maior parte das vezes no passado. A seguir, nós conversamos com os grupos vizinhos para tentar saber quem aqueles índios. A partir daí, vê-se onde estão ocorrendo as frentes de contato, a penetração da civilização, e se tenta imaginar quando eles terão que sair do isolamento. Ninguém diz que demarca o território e acabou. Alguma hora todos terão que ser contatados.

□



Voltar



Imprimir

□

Copyright © 2002 - Editora Globo S.A. - Termos legais

É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora Globo S.A.